

O CONHECIMENTO HUMANO NO TRATADO DE LIBERO ARBITRIO, DE SANTO AGOSTINHO

Guilherme Henrique Valladares (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Paulo Ricardo Martines (Orientador). E-mail: prmartines@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Filosofia, História da Filosofia

Palavras-chave: Teoria do Conhecimento; Santo Agostinho; Libero Arbitrio.

RESUMO

Este projeto de pesquisa visa estudar a chamada “teoria do conhecimento” de Santo Agostinho, presente no seu diálogo intitulado *De libero arbitrio*. Tal obra faz parte de um repertório literário deste filósofo e teólogo que tinha como objetivo defender a doutrina cristã contra os ataques das seitas pagãs de seu tempo. O *De libero arbitrio* está organizado em três livros, mas é no Livro II que aprofundaremos o tema da pesquisa da teoria do conhecimento e a preocupação de seu autor em encaminhar o homem à busca pelo conhecimento, pois Santo Agostinho defende que o homem deve ser inteligente para buscar a Deus, e assim encontrará a felicidade. Porém, só por meio de um itinerário de gradação do conhecimento que é possível chegar ao fim almejado. O objeto de pesquisa deste projeto, semelhante a outras obras de Santo Agostinho, concilia a temática da fé e da razão, sustentando que o conhecimento é a via que o homem percorre para se aproximar de seu Criador, mas como ocorre este processo do conhecimento nesta obra de Santo Agostinho? Qual é o real objetivo de se chegar à Verdade? E alcançá-la é aproximar-se de Deus? Estas questões nos auxiliarão na tentativa de analisar e identificar os elementos da teoria agostiniana do conhecimento presentes em *De libero arbitrio* a partir de um inventário de passagens significativas desta obra.

INTRODUÇÃO

A teoria do conhecimento presente na filosofia agostiniana é “inseparável da prova da existência de Deus” (Bohner & Gilson, E., **História da filosofia cristã**, p.115). Para Santo Agostinho (354-430), o homem deve buscar o conhecimento para aproximar-se de Deus. Deus é o sumo Bem que pode ser alcançado pelo

conhecimento, e como resultado o homem torna-se feliz e “assim deseja o bem e evita o mal” (Agostinho, **Confissões**, VII,3,4). Santo Agostinho defende que antes de sermos felizes possuímos gravado em nossa mente a noção de sabedoria e felicidade.

A obra *De libero arbitrio* contempla e “articula em sua estrutura” a teoria do conhecimento com a prova da existência de Deus (Abbagnano, **Dicionário de filosofia**, p.56). Neste diálogo é possível afirmar que Deus é a realidade superior à nossa mente, e que não é possível negar a sua existência e, é por meio da razão que o homem alcança a verdade, tida como fonte de beatitude. A questão do conhecimento tem como responsabilidade orientar retamente o homem, pois quando este não age de forma sábia e desvia-se do caminho da beatitude decorre do erro e não observa os reflexos da sabedoria de Deus.

REVISÃO DE LITERATURA

Esta pesquisa realiza uma análise histórico-cultural da teoria do conhecimento de Santo Agostinho, focada em sua obra *De libero arbitrio*. A partir de um corpus textual previamente definido, o estudo tem como objetivo central compilar e examinar passagens relevantes dessa obra que mencionam e contribuem para a compreensão do tema da teoria do conhecimento. O método utilizado envolve a seleção e a análise detalhada dessas passagens, buscando identificar como Santo Agostinho articula a relação entre fé, razão e conhecimento em seu pensamento. Como literatura secundária, foi levando em considerações as teses de Peter Brow, em seu livro Agostinho, sobre a relação entre filosofia e teologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Santo Agostinho é mister que o homem busque o fortalecimento da fé e da razão para que, através delas, “possa obter um conhecimento mais amplo de si mesmo e de Deus” (Brown. **Agostinho**, p.78). É utilizando a razão que o homem conhece.

É assim que podemos reconhecer certo itinerário na chamada ‘teoria do conhecimento’: em primeiro lugar, reconhecemos pelos sentidos os objetos corpóreos (sensível), o segundo, está na alma (sensitividade), e o terceiro, próprio do ser humano, é a razão. Portanto, acima da natureza – que apenas existe, sem viver nem compreender, como acontece com os corpos inanimados – vem a natureza que não somente existe, mas que também vive, sem, contudo, ter a

inteligência, como acontece com a alma dos animais; e, por sua vez, acima desta última vem aquela natureza que ao mesmo tempo existe, vive e entende, aquela que é a alma racional do homem. (Agostinho, **De lib. arb.**, II, 3). O homem distingue-se de outras espécies por ter e utilizar a razão. O pensamento seria, portanto, o veículo da razão. Conforme assegura o autor: “Assentamos igualmente que das três realidades é prevalente a que só o homem possui além das outras duas, ou seja, a de entender”. (Agostinho, **De lib. arb.**, II, 6). A razão é a faculdade responsável pela aquisição do conhecimento, e, portanto, superior aos sentidos exteriores e ao sentido interior. É por meio dela que o homem distingue os sentidos de forma que possa compreender ser a visão prerrogativa dos olhos, enquanto a audição é prerrogativa dos ouvidos, sentidos estes, distintos ao homem e indistintos ao animal. Assim, a razão percebe o sentido interior e torna o homem consciente de suas sensações. Afirmo Agostinho: “E o que pensar? Percebes que o sentido da vista percebe a cor, sem se perceber a si mesmo? Porque pelo sentido que vê a cor, com efeito não vê o ato mesmo da visão. Uma coisa é a cor a outra o ato de ver a cor. Outra, muito distinta na ausência da cor, a posse de um sentido capaz de ver, caso ela lá estivesse”. (Agostinho, **De lib. arb.**, II, 6). A consciência do ser humano, naquilo que se refere à sua vida, ou à sua existência, denomina-se razão, sendo que ela domina os sentidos externos e o sentido interior e permite ao homem utilizar-se das sensações: “Esse sentido interior não se pode dizer que seja, nem a vista, nem o ouvido, nem o olfato, nem o gosto, nem o tato. Ele é, não sei que outra faculdade diferente que governa universalmente a todos os sentidos exteriores, por igual. A razão é que nos faz compreender isso”. (Agostinho, **De lib. arb.**, II, 6). Agostinho reconhece a importância da razão em relação às demais funções por sua superioridade: “Admitimos, porém, que a melhor das três é a que só o homem possui, juntamente com as duas outras, isto é, a inteligência que supõe nele o existir e o viver” (Agostinho, **De lib. arb.**, III, 1).

CONCLUSÕES

Agostinho foi um dos primeiros filósofos a procurar explicar essa importância da razão para o Cristianismo. Em várias passagens, fala sobre a “fé em busca de entendimento” e sobre a necessidade de vir a entender aquilo que sustentamos pela fé. Ainda que ele não tenha estudado diretamente os filósofos gregos clássicos, era um homem marcado pela cultura antiga, a cultura da razão. Ao assumir a fé cristã,

passou por um grande desenvolvimento intelectual e o cristianismo significou, para ele, um impulso ainda maior à sua indagação filosófica, já que o considerava a verdadeira filosofia. O problema do mal, por exemplo, é um problema colocado à crença religiosa e, ao tentar resolvê-lo, Agostinho nos mostra a fé buscando vias racionais que possam destruir os obstáculos impostos a ela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação Araucária pelo financiamento proporcionado para a elaboração desta pesquisa., aos professores do departamento de Filosofia desta universidade, e de maneira muito especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Ricardo Martines, pela atenção e carinho dedicados durante este período de realização. Sou profundamente grato a ele pela oportunidade e pelo voto de confiança.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

AGOSTINHO. **O livre-arbítrio**. 2. Ed. Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira; revisão Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

----- **Confissões**. 2. Ed. Tradução, J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2000. (Coleção Os Pensadores).

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2003.

BROWN, P. **Santo Agostinho**: Uma biografia. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.